

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

RAFAEL CAMPOS MAIA

MORTE E LUTO EM *WANDAVISION*:
Uma análise fenomenológico-existencial sobre o adoecimento humano

BELO HORIZONTE

2022

RAFAEL CAMPOS MAIA

MORTE E LUTO EM WANDAVISION:

Uma análise fenomenológico-existencial sobre o adoecimento humano

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE

2022

150 M217m 2022	<p>Maia, Rafael Campos.</p> <p>Morte e luto em WandaVision [recurso eletrônico] : uma análise fenomenológico-existencial sobre o adoecimento humano / Rafael Campos Maia. - 2022.</p> <p>1 recurso online (44 f. : il.) : pdf</p> <p>Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1.Morte. 2. Doenças - Causas. 3.Luto. 4. WandaVision (Programa de televisão) I. Magnabosco, Maria Madalena. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

A METÁFORA DA VIDA (IN)FINITA EM WANDAVISION: Uma análise fenomenológico-existencial sobre o adoecimento humano
RAFAEL CAMPOS MAIA

monografia defendida e aprovada, no dia dez de dezembro de 2022, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora
FAFICH/UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção, em 27/02/2023, às 09:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior, em 27/02/2023, às 10:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orçao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2102765 e o código CRC 7F857917.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial:

À Deus, por contribuir em minha sabedoria e discernimento diante de minhas escolhas.

À minha orientadora Madalena, pelo acompanhamento e monitoramento nessa jornada.

Aos professores da especialização, que contribuíram para minha prática profissional, de forma potente e humana.

As pessoas que participaram da pós-graduação comigo: os colegas de sala com todas nossas trocas e risadas, e a família que estava nos bastidores acompanhando minhas angústias e conquistas.

À arte, por ser fonte profunda de inspiração e motivação em minhas atividades.

“Assumir a morte na vida ensina a encontrar também a vida na morte. Significa acolher cordialmente isto que já sempre sabemos, mas do que quase sempre conseguimos fugir...”

Marcos Aurélio Fernandes

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo compreender, mediante a fenomenologia existencial e *dasein* análise, como o homem se relaciona com a temática da morte e vivências de perda, e de que maneira essas vivências e os modos de ser reverberam no processo de saúde e adoecimento do *Dasein*. Para tanto, utilizou-se de uma Pesquisa Qualitativa, com base na literatura existente, para elucidar a concepção de existência para a fenomenologia existencial, bem como analisar a perspectiva fenomenológica de psicopatologia. Dessa maneira, foi possível verificar de que maneira esses aspectos abarcam uma experiência adoecida do ser, a partir da história de vida da personagem Wanda Maximoff, do universo cinematográfico Marvel. Para isso, foi realizada uma Pesquisa Documental, analisando o seriado de *streaming*, *WandaVision*, que foi utilizada como recurso para a exposição das temáticas analisadas. Diante dessas constatações, verificou-se no *Dasein*, uma dificuldade em vivenciar e abraçar sua finitude, devido à fatualidade que se encontra em vida: sua morte, a possibilidade de não mais ser quem se é, e de relacionar-se com outros entes. A personagem Wanda, mesmo de forma fictícia, exprime esse processo em sua maneira de lidar com a morte de seu namorado, revelando em sua vivência, uma experiência adoecida.

Palavras-chave: Morte. *Dasein*. Adoecimento. *Wanda Maximoff*

ABSTRACT

The research aims to understand, through existential phenomenology and daseinsanalysis, how man relates to the theme of death and experiences of loss, and how these experiences and ways of being reverberate in the health and illness process of Dasein. In order to do so, a Qualitative Research was used, based on the existing literature, to elucidate the conception of existence for existential phenomenology, as well as to analyze the phenomenological perspective of psychopathology. In this way, it was possible to verify how these aspects embrace a sick experience of being, based on the life story of the character Wanda Maximoff, from the Marvel cinematic universe. In addition, a Documentary Research was carried out, analyzing the streaming series, WandaVision, which was used as a resource for exposing the analyzed themes. In view of these findings, it was found in *Dasein*, a difficulty in experiencing and embracing its finitude, due to the factuality that is found in life: its death, the possibility of no longer being who it is, and the ending of relationships. The character Wanda, even in a fictional way, expresses this process in her way of dealing with the death of her boyfriend, revealing, in her experience, a sick experience.

Key-words: Death. *Dasein*. Illness. Wanda Maximoff

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Wanda no momento em que cria a nova realidade. <i>WandaVision</i>	28
Figura 2 - À esquerda, programa de TV assistido por Wanda. À direita, Wanda e Visão na realidade criada. <i>WandaVision</i>	3

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CONCEPÇÃO DE EXISTÊNCIA	13
3 SAÚDE E ADOECIMENTO PSICOPATOLÓGICO DO DASEIN.....	19
4 O LUTO DE WANDA MAXIMOFF	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A morte é uma temática que faz parte de diversas áreas do conhecimento, sempre acompanhada de curiosidade, mas também com um certo receio. Percebe-se que a sua compreensão influenciou a maneira de viver ao longo da história da humanidade, e foi dado a ela, uma série de significados nesse desdobramento social, de acordo com a cultura, contexto e crenças compartilhadas (RIBEIRO ET AL, 2022). Com a morte, pensamos também, sobre a noção de finitude, do latim *finitum*, que significa “que tem um fim”, ou “fato de se apresentar limitado”. (FINITUDE, 2022).

O ato de dialogar sobre a finitude, dimensão que faz parte da essência da vida humana, promove um incômodo na cotidianidade. Há na contemporaneidade, uma incessante luta, a qualquer custo, em atrasar a morte e o envelhecimento; discursos que mostram o desejo de controle sobre a própria vida para impedir que sofrimentos venham à tona; e um encurtamento nos processos de luto. Por mais que cada sujeito vivencie essas situações mediante a um sentido dado que é subjetivo e único, o medo, e angústia, acompanham esse processo (SIMAN E RAUCH, 2017).

Evangelista (2017) afirma que a partir do momento que estamos existindo, também temos essa condição de deixar de ser quem se é, e é impossível escapar dessa finitude que constitui a nossa existência. Podemos pensar no término de projetos, de relações, e principalmente no término da vida. Nesse sentido, Heidegger (2014, p. 252), enfatiza a importância do contato com essa angústia, pois é ela que “revela ao ser o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo.” Entretanto, a angústia mostra que mesmo tendo a possibilidade de ser quem somos por meio de nossas escolhas e decisões, estamos marcados também pelo fim dessa possibilidade.

E no que tange à essas experiências de perdas, pode-se pensar na vivência do luto, compreendida aqui como um fenômeno profundo no qual o enlutado, diante daquilo que não existe mais, por exemplo um ente querido, pode resgatar a sua própria condição de finitude. As relações que construímos durante a vida, está marcada pela inevitabilidade e irreversibilidade que a morte pode revelar, e há um

sentido existencial atrelado nessas relações, à medida que somos algo e poderemos ser na relação para/com alguém. (FREITAS, 2013)

Para Pessoa (2018), é presente na existência, uma tensão entre a vida e a morte. Algumas pessoas conseguem lidar bem com essa tensão, mas falar sobre morte, geralmente é um ato visto como um tabu, tendo em vista a dificuldade em entrar em contato com essa possibilidade, e entender o que ela representa para a vida. Reconhece-se a liberdade presente em nós para escolher e lidar com as questões que a existência nos exige, mas se essa liberdade não é experienciada em sua essência, abre-se espaço para modos adoecidos de existir (EVANGELISTA, 2017).

Dessa forma, a presente pesquisa discorreu sobre os modos de ser na existência do *Dasein*, presentes em vivências de morte e luto, que podem se relacionar com a ideia de saúde existencial, ou que podem contribuir para um adoecimento psicopatológico. Deu-se um foco sobretudo, em como as dimensões existenciais, como liberdade, angústia e finitude, se revelam nesse processo de ser do *Dasein*. Ao pensar sobre essa pesquisa, surgiu também o seguinte questionamento: como o homem lida com a transitoriedade da vida e a fatualidade de sua morte e da morte dos outros?

Diante dessas articulações, e com o intuito de ilustrar essa discussão, abordou-se a história de vida da personagem *Wanda Maximoff* na série *WandaVision*, do universo cinematográfico Marvel¹. *Wanda* é uma jovem adulta que por diversos momentos se viu diante da morte de pessoas próximas a ela: seus pais morreram em um bombardeio, e seu irmão foi assassinado. Posteriormente precisou conviver com a morte de seu parceiro amoroso. Diante dessa última perda, *Wanda* ficou imersa em uma extrema angústia, na qual se tornou impossível de ser sustentada. *Wanda*, usando suas habilidades telepáticas e telecinéticas, cria um novo espaço físico, uma realidade paralela, onde decide viver uma outra vida, dessa vez com seu parceiro ainda vivo.

Elucida-se a importância dessa temática ao abarcar o adoecimento como um modo de ser presente na vida humana, e que de suas variadas maneiras, podem

¹ O Universo Cinematográfico da Marvel é uma franquia de cinema americano, de conteúdos audiovisuais, tendo como base a própria editora de histórias em quadrinhos, Marvel Comics. (LEGIÃO DOS HERÓIS, 2022)

causar impacto na construção da existência. Percebe-se como necessária esta reflexão, tendo o intuito de possibilitar uma compreensão mais concreta a respeito dessa temática, que pode estar presente nas pessoas que buscam pela psicoterapia, contribuindo assim para a experiência clínica dos profissionais da Psicologia. Além disso, tem-se o objetivo de contribuir e acrescentar conhecimento a esse arcabouço científico, por reconhecer que, para Azevedo e Pereira (2013), o tema da morte faz parte do investimento de cientistas e pensadores em processos de estudos e pesquisas. Entretanto, é visto nesses estudos uma atenção e interesse efetivo em nível antropológico, comportamental e a partir das ciências humanas, existe apenas em um recorte de algumas décadas atrás.

Para realizar a monografia, realizou-se uma Pesquisa Qualitativa, que objetiva a compreensão de fenômenos e dinâmicas não quantificadas. (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009). Utilizou-se de referências publicadas dentro da perspectiva fenomenológico-existencial, por meio de livros, dissertações e artigos científicos. Nesse sentido, algumas plataformas de pesquisa foram o ponto de partida para a revisão bibliográfica, dentre elas *Scielo*, CAPES e Google Acadêmico, delimitando a pesquisa a partir de descritores e palavras-chave como: morte, finitude, fenomenologia-existencial, adoecimento existencial e processos de luto. Nessa perspectiva, escolheu-se também alguns teóricos que são referências nos estudos fenomenológicos existenciais, como Medard Boss (1976), Martin Heidegger (2014), Yolanda Forghieri (1996), e Paulo E. Evangelista (2017), cujas produções serviram como ponto de partida para a pesquisa.

Além disso, realizou-se uma pesquisa documental revisitando a série de *streaming WandaVision* (2021), do diretor Matt Shakman. A pesquisa delimitou a análise dos episódios 1 (31 minutos), 3 (35 minutos), 4 (37 minutos), 5 (43 minutos), 6 (40 minutos), 7 (39 minutos), 8 (48 minutos) e 9 (51 minutos). Retratou-se pontos marcantes da história da personagem, para buscar a compreensão da existência de *Wanda Maximoff*.

Para isso, no primeiro capítulo conceitualizou-se a perspectiva fenomenológico-existencial de Martin Heidegger, para localizar e compreender a perspectiva desenvolvida a respeito do *Dasein*. No segundo capítulo apresentou-se os aspectos existenciais que contribuem para a saúde e adoecimento na vida humana. E, por fim,

no terceiro capítulo elucidou-se a construção de sentido na história de *Wanda Maximoff*, retratada na série *WandaVision*. Dessa maneira, acredita-se que esses modelos de pesquisa deram base para a construção da monografia, trazendo um viés teórico da fenomenologia-existencial, com contribuições da Daseinsanálise, bem como na narrativa da história de vida da personagem *Wanda Maximoff*.

2 A CONCEPÇÃO DE EXISTÊNCIA

Heidegger (2014), importante filósofo alemão, buscou compreender o sentido do ser. Nesse movimento, criou uma terminologia específica, para denominar o modo de ser da existência. O *Dasein*, refere-se a esse homem, que traz em sua significação, a ideia de presença, de ser-aí. Dutra e Roehe (2014) compreendem que o *Dasein* é o ente que, sendo, “des-cobre”, e revela o Ser com base em sua condição existencial. Apresentando uma compreensão mais abrangente, Casanova (2015 p. 30), salienta que “o homem é um ser marcado por uma indeterminação ontológica originária. O ser-aí não possui nenhuma propriedade quidditativa, nenhuma essência a priori constituída e nenhuma substância ou aspecto específico.”

Em Pessoa (2018), verifica-se uma postura semelhante, ao afirmar que pela compreensão de que o homem nunca se encontrará pronto ou finalizado, ele então se localiza como possibilidade, em sua abertura e tarefa existencial, já que ele pode vir a ser o que ele é. Tomando pela sua noção de projeto, o *Dasein* emana, para Casanova (2015, p 32), “a instância capaz de suprimir sua indeterminação para que ele se mostre como o correlato intencional dela mesma. Projetar significa deixar que, sem qualquer interferência particular do ser-aí, o seu campo existencial aconteça.”

Cabe considerar que, diante de sua indeterminação e projeto, o *Dasein* movimenta-se sempre em contato com outros, pois é impossível construir-se isoladamente. Forghieri (1976) postula que o homem é o ser-no-mundo, existindo sempre em relação a algo ou alguém, e mediante a esse contato, compreende suas experiências, construindo sentido e significado a elas. Acrescentando a esse conceito, Dutra e Roehe (2014) trazem a ideia de que o mundo sempre é um espaço compartilhado entre *Dasein* e os outros, estando inseridos por exemplo, à uma rede familiar, à uma localização física (rua, cidade), ou seja, à uma origem que apontam para determinações coletivas que contribuem para o desenvolvimento de sua identidade.

Esse entendimento, para Fernandes (2006), revela que ser-no-mundo significa habitar nesse espaço e construir sua própria morada, sendo possível que o *Dasein* se empenhe por cuidar e ocupar dele e de si mesmo. Apresentando um argumento mais abrangente, Braga e Farinha (2017, p. 68) afirmam que “o *Dasein* não se localiza

apenas no mundo, como um objeto inserido no interior de outro, mas habita o mundo, relacionando-se com tudo o que é a partir de uma compreensão de ser.” O mundo deixa de ser apenas uma localidade geográfica e passa a ser compreendido como constituinte do próprio *Dasein*.

Essa espacialidade do *Dasein* se constitui mediante à sua posição de abertura ao mundo e esse fato permite que ele se torne presente em si mesmo, e presente aos que estão ao redor. O espaço, em Heidegger (2014), é compreendido a partir da noção de corpo do *Dasein*. Para Oliveira (2012), o *Dasein*, reconhece seu corpo na medida em que tem consciência de suas ações, comportamentos e experiências. Esse corpo entra em movimento e faz com que o *Dasein* estabeleça contato, a partir de seu próprio corpo, com o mundo, ao mesmo tempo que se constitui como ser-no-mundo. Mediante a essa capacidade de construir o campo de movimento e de percepção pela delimitação do espaço e do tempo que o orientam, não cabe considerá-lo apenas em sua materialidade, conforme expõe Augras (1978), a seguir:

As dimensões do espaço são criadas a partir das extensões do corpo. O ser é o seu centro. O espaço é aberto e orientado pela movimentação do ser no mundo. Ontologicamente, a espacialidade do ser no mundo está presente no próprio conceito heideggeriano do *Dasein*, cujo existir inclui o espaço, como inclui o mundo. O espaço, escreve Heidegger, “só pode ser compreendido a partir do mundo. O mundo é aqui entendido exclusivamente como sítio humano, orientado e dimensionado pelo homem, ou seja, caracterizado como um momento estrutural de ser no mundo” (AUGRAS, 1978, p. 39).

Encontra-se a fundamental relação entre homem e mundo. A primeira condição para o entendimento do *Dasein* é reconhecer que ele é “ser-no-mundo”. Não existe um dualismo ou oposição entre eles, pois ser homem é ser indissociável ao mundo. É na relação com os entes que o ser-aí se movimenta e incessantemente se mantém em contato. Pela sua indeterminação, ele é marcado pelo caráter de poder ser. Portanto, o modo próprio de ser consiste em tornar-se e vir a ser o que se é. O *Dasein* não se caracteriza pelo o que é agora; mas, sim, por aquilo que está dentro da dimensão do possível e daquilo que ainda não é e que poderá vir a ser. O que ele não é como algo pronto, ele pode ser como possibilidade (DUTRA; ROEHE, 2014).

Forghieri (1996) também evidencia que essa relação acontece sempre em um espaço e tempo, no qual o *Dasein* também os experiencia de maneira subjetiva, visto que sua existência abrange o que ele vive em um determinado lugar e instante, diante de suas possibilidades e de sua capacidade em transcender o momento presente. Nessa perspectiva, o *Dasein* é abertura para o que ele está sendo, ou seja,

ontologicamente, o homem se configura como passado, cotidiano, presente e possibilidades futuras e, portanto, como um ser temporal que em essência se mostra como projeto e possibilidade.

Aprofundando sobre o tema, Pisetta (2020) afirma que essa temporalidade, ou seja, como o homem vivencia seu próprio tempo, mostra uma grande contradição e insegurança ontológica que o *Dasein* precisa lidar: o jogo entre a sua preservação e efemeridade, que apontam para o fluxo entre possibilidades e impossibilidades. O tempo cronológico ajuda a medir a ordenação de fatos e ações humanas, mas em uma outra instância, contribui para a consciência da finitude do *Dasein*, e sua possível negação. “O tempo é extensão e criação da realidade humana. É paradoxalmente condição de sua existência e garantia da sua impermanência. Porque o homem cria o tempo, mas não o determina.” (AUGRAS, 1978, P. 27).

Nós contamos os nossos dias, porque, no fundo, os nossos dias estão contados. Nisto, o tempo denuncia, mais uma vez, a nossa finitude, a nossa mortalidade. A nosso frenética entrega às muitas coisas por se fazer pode dissimular, no fundo, uma fuga: justamente, a fuga da recordação de nossa finitude, de nossa mortalidade. Nisto, o fato de termos de ser nós mesmos! (FERNANDES, 2006, P. 226)

Azevedo e Pereira (2013, p. 63), revelam que “por sua historicidade, o ser-aí empenha-se em um cuidado extremo, em função do fato de que seu determinante essencial é a sua finitude”. O *Dasein* então constrói sua historicidade diante de sua temporalidade que sempre será finita e particular. Nesse sentido, compreende-se o ser-aí como ser lançado no movimento de vir a ser, possibilitando, desse modo, tanto as mudanças nas maneiras de existir quanto a aproximação das incertezas e a instabilidade no viver (CARDINALLI, 2015).

Dessa maneira, Feijoo (2011) enfatiza que ao reconhecer sua negatividade originária da existência, ou seja, ao tomar consciência de sua finitude e indeterminação, o *Dasein* encontra-se com a angústia que faz parte da sua existência. Para Heidegger (2014), a angústia não é um sintoma ou uma condição patológica, é um estado fundamental da existência humana, que aproxima do ser humano a sua condição de precariedade e provisoriedade.

Reforçando essa ideia, Azevedo e Pereira (2013) postulam que ao entrar em contato com a noção de finitude, o homem se vê diante da incerteza, presentificando assim, a angústia diante de sua própria vida. É com ela, de acordo com os autores,

que o homem pode compreender sua existência, como ser-no-mundo indeterminado e finito. Dessa maneira, é possível então considerar a angústia como mobilizadora de duas situações: ela, ao mesmo tempo, convoca e tenta afastar o *Dasein* para o despertar de um sentido. Para Feijoo (2011, p. 33):

A angústia conclama o ser-aí a apropriar-se da sua existência mais própria. Ela emerge como um mobilizador existencial que, imediatamente, abre duas possibilidades: na tentativa de livrar-se da angústia, o ser-aí ou bem retoma a tutela do mundo e volta àquilo que lhe é familiar, ou bem se concretiza no poder ser, singulariza-se. (FEIJOO, 2011, P. 33)

Nesse sentido, se o ser-aí é ser no mundo e existe lançado em um mundo de possibilidades, faz-se necessário que ele faça escolhas e tome decisões diante delas. Para Bilibio (2010), é a própria angústia que movimenta o homem a tomar decisões, na medida em que revela que se tem que agir e esse agir significa assumir a condição ontológica do que se é o *Dasein*. Acrescentando a essa temática, Dutra e Roehe (2014) enfatizam que, no movimento de apropriar-se de si mesmo, o *Dasein* precisa se responsabilizar por suas escolhas, assumindo a liberdade de escolher a própria possibilidade de fazê-las. É a partir das possibilidades futuras que se revelam por meio de projetos existenciais, que o ser-aí é solicitado para sua realização e projeto, que ainda não se concretizou. Segundo Heidegger (1927/2014):

A angústia revela ao ser o poder-ser mais próprio, ou seja, o ser-livre para a liberdade de assumir e escolher a si mesmo. A angústia arrasta a pre-sença para o ser-livre, para a propriedade de seu ser enquanto possibilidade de ser aquilo que já sempre é. A pre-sença como ser-no-mundo entrega-se, ao mesmo tempo, à responsabilidade desse ser. (HEIDEGGER, 2014, p. 252).

Direcionando ainda mais a discussão para a noção de angústia e liberdade, verifica-se em Pessoa (2018), que o homem em um primeiro momento não suporta a possibilidade de entrar em contato com decisões geradores de angústia, e de “de ter que vir a ser o que somos diante do nada, de ser na possibilidade de poder-ser,” (p. 48). Tende-se então à realidade de negação dessa condição existencial, apegando-se a constructos já existentes e determinados sobre sua vida, sejam eles morais, lógicos e habituais. A angústia, para Cardinali (2015), é um sentimento que faz com que o homem evite sua presença, mergulhando nas solicitações do mundo e se envolvendo com seus afazeres e com seus compromissos.

Além disso, da mesma maneira que percebe-se uma evitação da angústia, o homem também se esquiva e evita encarar a morte e a finitude. Ele vive como se fosse eterno e mantém, no seu cotidiano, uma conduta de fuga caracterizada pela

indiferença e tranquilidade no saber da morte como um fato inevitável (CARDINALLI, 2015).

A morte é uma possibilidade ontológica que o próprio *Dasein* sempre tem de assumir. Com a morte, o próprio *Dasein* é impendente em seu poder-ser mais próprio. Nessa possibilidade, o que está em jogo para o *Dasein* é pura e simplesmente seu ser-no-mundo. Sua morte é a possibilidade de poder não mais ser aí [da *sein*]. Enquanto poder ser, o *Dasein* não é capaz de superar a possibilidade da morte. A morte é, em última instância, a possibilidade da impossibilidade pura e simples de ser aí [da *sein*]. Desse modo, a morte desvela-se como a possibilidade mais própria, irremissível e insuperável (HEIDEGGER, 2014, p. 326)

Entretanto, a única garantia que o *Dasein* pode encontrar em suas possibilidades existenciais, é a sua própria morte, como destaca Filho (2010). Ampliando essa temática, Heidegger (2014) postula que o ser-aí, em sua existência, esbarra nessa fatualidade, e reconhece que o morrer faz parte da existência humana, direcionando o *Dasein* a uma condição de finitude e limitação. A morte é uma possibilidade do existir humano e, não poder estar sempre em um lugar, faz parte da existência, visto que a partir do momento que o homem nasce, ele está lançado à possibilidade de morrer e assim é constituído por ela.

É mediante a essa realidade, que a morte, em Azevedo e Pereira (2013, p. 63), “por ser uma possibilidade ontológica, não se encontra no futuro indefinido, muito embora seja um ainda-não, ela já se encontra enraizada nas fibras da própria existência.”. Conectando a isso, Pisetta (2020), enfatiza que se compreendemos essa morte, que revela o *Dasein* em suas possibilidades, compreendemos também nossa liberdade em projetar, assumir e decidir sobre nossa própria existência.

No tocante à questão da morte, Pessoa (2018), enfatiza que o homem, como ser-para-morte, existe à medida em que essa constituição existencial o movimenta para o dever de projetar a si mesmo, assumindo a liberdade de construir-se a si próprio. Dessa maneira, o homem se vê sempre entre o ser e não ser, entre essa tensão entre a vida e sua morte, construindo sua própria vida a partir do que não está pronto, e do que ele faz ou deixa de fazer. O autor enfatiza que é a iminência da morte que possibilita uma vida mais eminente, e por evitar pensar em sua morte que o *Dasein* descuida da própria vida. Nesse percurso, ele adia decisões que são fundamentais ao seu existir e posterga realizações importantes para um “além que nunca advém.” (PESSOA, 2018, P. 47).

Entretanto, Filho (2010), reflete sobre o paradoxo existente nessa relação, pelo fato de o *Dasein* nunca poder experimentar sua própria morte fisiológica, e sim o fim de coisas e pessoas ao seu redor. Segundo o autor, mesmo nessa situação, “o ser-no-mundo dos que ficam não é capaz de experimentar o que, de fato, significa morrer. Jamais se pode experimentar a morte do outro. (FILHO, 2010, P. 13). O que se mostra como possibilidade, é o enlutar-se diante da perda de algo ou da morte de outro ente. De acordo com Freitas (2013, p. 104), “enlutar-se é no horizonte do ser-para-morte projetar-se como ser-no-mundo”. O processo de luto pode se revelar como um período de crise de sentido, mas que possibilita o surgimento de novas maneiras de ser e se relacionar diante daquela perda. Perda não só do ente, mas também das possibilidades do *Dasein* em sua existência como ser-no-mundo.

É nessa perspectiva que a liberdade do homem se revela no acolhimento de sua morte. Nós, seres mortais, compreendemos a morte como fim, e reconhecer a morte significa cuidar de nossas próprias vidas. Esse reconhecimento possibilita o homem existir apropriadamente (PESSOA, 2018).

Permanecer na morte é, neste sentido, ser reconduzido, sempre de novo, para a incessante novidade do mundo, sendo toda abertura na espera do inesperado, acolhendo o emergir do ser do fundo abissal do nada. Quando permanecemos na morte nada mais se torna fixo. Nem mesmo a nossa compreensão do nada, como mera ausência e privação do ser. Tudo flui. Tudo passa a ser a ressonância do mistério insondável e inesgotável da vida. (FERNANDES, 2006, P. 223)

Diante do exposto, verificamos, neste capítulo, que existe uma visão comum entre os autores sobre a particularidade, complexidade e a condição paradoxal presente na existência do *Dasein*. Finitude, liberdade, angústia e morte são temáticas essenciais para a compreensão existencial do homem. Em sequência, será desenvolvido o entendimento clínico a respeito da saúde e adoecimento existencial relacionados a essas dimensões existenciais e aos modos de ser do *Dasein*.

3 SAÚDE E ADOECIMENTO PSICOPATOLÓGICO DO DASEIN

Foi visto no capítulo anterior, algumas características presentes na existência humana, e como elas impactam na construção do *Dasein*. Foi a partir da obra de Ser e tempo de Heidegger, que se pensou o homem em suas dimensões existenciais, livres de determinações biológicas e científicas, evidenciando os seus modos de ser e seus fenômenos. Dessa maneira, foi desenvolvida uma visão do homem em sua totalidade, reconhecendo suas potencialidades e dificuldades, dimensões essas que revelam como o *Dasein* relaciona-se com elas. É possível então, compreendermos essa relação e os modos de ser do *Dasein* que abraçam e reconhecem essas dimensões existenciais a partir de uma experiência saudável e/ou adoecida.

A busca pela compreensão da psicopatologia e dos fenômenos psiquiátricos foi se moldando em conformidade com o desenvolvimento da humanidade, dessa maneira, esteve então em constante mudança e atualização. Os manuais de Psicologia e Psiquiatria manifestam essas mudanças a respeito do que é considerado doença mental e percebemos por exemplo, a concepção religiosa ligando o fenômeno psiquiátrico como endemoninhamento, ou a concepção científica como doença mental (SILVÉRIO L. K., 2015).

A partir dessa consideração, podemos pensar o que então classificaria essas experiências, buscando compreender em primeiro lugar o conceito de saúde e doença. Augras (1978), afirma que a saúde é construída na relação entre homem e mundo, permeada pela sua liberdade, visto que ela “não é um estado, mas um processo, no qual o organismo vai se atualizando conjuntamente com o mundo, transformando-o e atribuindo-lhe significado à medida que ele próprio se transforma” (p. 11). Já uma experiência adoecida, como salienta a autora, revela uma impossibilidade de construção e mudança ou uma forma inadequada do homem em responder a uma situação em que o coloca em risco. Constata-se aqui uma semelhança entre saúde e doença, por compreendê-los como etapas do mesmo processo: fazem parte da constante criação do homem e de seu mundo (AUGRAS, 1978).

Nesse sentido, contribui-se então para o surgimento de uma nova perspectiva sobre o adoecimento humano e os estudos sobre a psicopatologia. Foi Ludwig

Binswanger e Medard Boss que deram um passo importante na continuidade da compreensão fenomenológica e existencial da vida humana. Os dois psiquiatras debruçaram-se em uma perspectiva contrária à psicopatologia até então construída naquele momento: foram até a experiência saudável da existência para compreender o que poderia conter em uma psicopatologia e nos modos de adoecimento do ser humano (EVANGELISTA, 2017).

O estudo da psicopatologia nessa perspectiva, apoiada na fenomenologia, não tem a intervenção de uma teoria previamente determinada sobre a experiência do ser humano adoecido, e Silvério L. K. (2015, p. 72) defende que o caminho percorrido é pelo “caráter imediato da experiência do doente mental, transpondo as fronteiras do sensível e realizando uma operação fenomenológica fundamental”. Essa postura possibilita o contato direto com os fenômenos percebidos no homem adoecido, valorizando a forma que ele vivencia essa condição, para assim haver um exercício reflexivo da experiência. É pensando assim, que Boss (1976) propõe a compreensão desse humano que está doente antes de querer compreender as doenças em si mesmas. Nesse viés, Evangelista (2016, p. 63) considera que, “na *daseinsanalyse* de Medard Boss não se pode falar claramente de uma Psicopatologia, pois não há transtornos mentais, já que todos os modos de adoecer são existenciais.

Feijoo (2011), também contribuiu nesse sentido, lembrando que foi no Seminário de Zollikon (2005), que essa temática foi desenvolvida, mostrando que a perspectiva científico-natural, pela divisão corpo e psique (corpo e psicossomática), foi colocada em questão. Segundo Evangelista (2016), na psicopatologia *daseinsanalítica*, não há ênfase no processo biológico do adoecimento, fazendo um contraponto à perspectiva científico-natural da medicina. Holanda (2014) postula que a psicopatologia pela perspectiva fenomenológica permite a aproximação com a vivência e a realidade existencial do ser humano se mostra como uma abordagem relacional, pois o homem, como ser-no-mundo, existe apenas relacionado com algo ou alguém.

Nos Seminários de Zollikon, Heidegger refletiu junto com os psiquiatras e psicanalistas sobre a importância do esclarecimento da saúde para a compreensão dos diversos modos de estar doente. Ele afirma que a doença em geral pode ser compreendida como um fenômeno de privação, quando considera que, no adoecimento, o ser sadio e o estar bem não estão simplesmente ausentes, estão perturbados. Além disso, o pensador esclarece que o fenômeno de privação é um modo específico de negação,

que ocorre “quando negamos algo de forma que não o excluimos simplesmente, mas o retemos justamente no sentido de que algo lhe falta” (CARDINALLI, 2015, P. 79)

Para Forghieri (1976), dizer que um homem é existencialmente saudável, não é o mesmo que ele esteja em um estado de satisfação permanente, mas que consegue viver com a dialética de sentimentos paradoxais de angústia e bem estar. Associado a isso, encontra-se presente também, o reconhecimento pelo homem, da sua própria capacidade para assumir os riscos de situações e enfrentá-los. Em Medard Boss (1976, p. 14) vemos que “a essência fundamental do homem sadio caracteriza-se precisamente pelo seu poder de dispor, livremente, do conjunto de possibilidades de relação que lhe foi dado manter com o que se lhe apresenta na abertura livre de seu mundo”. Tenório (2003) compartilha da afirmação, postulando que a angústia promove o questionamento e o surgimento de novas possibilidades e caminhos, pois relaciona-se a todo momento com a responsabilidade e a liberdade no *Dasein*.

Vimos no último capítulo que a angústia e o nada revelam para o *Dasein* o seu ser-para-morte e a dificuldade presente nessa relação. Pessoa (2018) defende que há um descuido com a própria vida a partir do momento em que o *Dasein* esquece de sua morte, e nega a sua tarefa de existir. Ele se distancia de suas realizações e decisões fundamentais, e os direciona a um futuro e um “além que nunca advém”. Segundo Fernandes (2006, p. 222), é importante reconhecer a transitoriedade da existência, e encontrar a morte na vida, para que surja a possibilidade de encontrarmos a vida na morte. A única coisa que permanece em vida é a transição e a sobreposição dos fatos, e a “a presença do não ser em todo o ser, a mortalidade de tudo o que vive.”

Forghieri (1996) afirma que o existir humano está sempre em transitoriedade pois é constituído por momentos de equilíbrio emocional e também por experiências ameaçadoras de angústia e contrariedade, momentos esses que alternam entre si. É a vivência dessa transitoriedade, no qual o homem consiga entender esse ritmo, enfrentá-lo e superá-lo, que se constitui uma experiência saudável. É um jogo de conquista, recuperação sempre tendo a possibilidade da provocação desse equilíbrio psicológico, no decorrer da existência.

Para Azevedo e Pereira (2013), por presenciar a dificuldade em aceitar o inevitável, o homem está em constante invenção e transformação, criando diversas maneiras de fazer a manutenção de sua existência, para sentir o prazer da vida. Contudo, Pessoa (2018, p. 48) afirma: “porque existimos, somos sempre diante do nada, vivemos na proximidade estranha da morte, na possibilidade extraordinária da criação.” E é nessa perspectiva que reconhecemos a angústia diante da liberdade do *Dasein* em ser criador de si mesmo, e se essa liberdade não é exercida, ela surge como “miséria da negação e do mal”. Complementando essa ideia, Fernandes (2006) postula que essa liberdade que convoca o *Dasein* a ser a si mesmo, convoca também a assumir essa possibilidade como a mais apropriada.

E o adoecimento existencial pode surgir exatamente nesse contexto, e Forghieri (1996) alerta que, ao sentir-se ameaçado pelas vivências de angústia e contrariedade, o *Dasein* tenta a todo instante, manter-se alienado dessas vivências, que vão se acumulando sem uma compreensão. Isso dificulta e/ou impede que novas possibilidades de existir sejam visualizadas e suas potencialidades sejam contempladas. Partindo da visão de homem existencial, Tenório (2003) afirma que a psicopatologia se mostra a partir da vivência de sofrimento do ser humano, na qual aponta para um sentimento de estar-se preso e vítima à um destino fatídico, bem como uma destituição de realizações criadoras de sentido na vida do *Dasein*.

No tocante a essa questão, Teixeira (2006) enfatiza que essas experiências adoecidas podem abarcar uma possibilidade humana universal, pois podem ser vistas como um dos diversos aspectos que constituem a totalidade da existência do ser humano, revelando modalidades da construção do *Dasein* como ser-no-mundo. A análise ou diagnóstico acontecem então, de acordo com Barbosa (2012), a partir da compreensão desse modo de estar no mundo do homem e isso permite entender que, o processo de adoecimento do homem pode refletir questões familiares, culturais, sociais que constituem a historicidade do *Dasein*. Para Silvério L. K (2015), o sentido da relação acompanha as próprias coisas, sempre estando junto delas, sendo necessário reconhecer aí o que de humano está presente, e “é nessa circunstância que se opera a relação, mas este sentido é irrefletido e trata-se de evocá-lo para a compreensão da relação e condição da psicopatologia e das possibilidades de intervenção para minimização do sofrimento humano”. (p. 72)

Ampliando essa temática, Cardinali (2011) afirma que as experiências sadias e patológicas demonstram a presença, em menor ou maior escala, da liberdade como dimensão existencial, diante da concretização das possibilidades que se revelam no existir do *Dasein* responsável e independente. O adoecimento é pensado como uma maneira prejudicada de existir. Concernente a esse relato, Holanda (2014), assevera que é visto no *Dasein* doente uma restrição de sua liberdade na sua relação com seu mundo e o adoecimento surge exatamente nesse contexto, como uma diminuição da abertura do *Dasein* frente às suas possibilidades. Está presente uma rigidez no modo de ser do *Dasein*, contrapondo-se à dinamicidade e a constante atualização do ser humano em uma experiência saudável (BARBOSA, 2012).

Nessa perspectiva, Tenório (2003) enfatiza que o modo adoecido de ser, pode revelar uma dificuldade em organizar e se localizar em sua cronologia existencial. Por ser temporal, o *Dasein* apoia-se em experiências passadas para agir diante do que já se conhece, entretanto, o presente é caminho e abertura para o futuro, instância onde o *Dasein* encontra aquilo que vai além de seu conhecimento, a imprevisibilidade. Percebe-se nessa construção, um movimento incessante de riscos e incertezas, advindos do fluxo criativo que o homem é convocado a sustentar, a partir de sua liberdade (FORGHIERI, 1996). A psicopatologia então manifesta essa existência que limita e aprisiona o ser humano, impedindo-o de se projetar e experimentar sua vida como realidade. Ao se colocar em seu passado, ele vive em função de características e fatos não mais existentes (TEIXEIRA, 2006).

Ainda de acordo com Teixeira (2006), pela incapacidade de estar em contato com seu mundo interno, o ser humano adoecido também apresenta a dificuldade de reconhecer o mundo interno dos outros, prejudicando o estabelecimento de um vínculo significativo. Evangelista (2017) traz a perda da familiaridade do mundo para falar sobre essa dificuldade em ser e viver compartilhando mundos com os outros. As experiências psicopatológicas surgem nessa perda e isolamento, trazendo à tona o sofrimento do homem adoecido, podendo levar à situação de “a existência ficar presa numa violenta indeterminação e, portanto, na impossibilidade de compreender a significância dos entes ao redor e de responder a eles adequadamente.” (EVANGELISTA, 2017, P. 178).

Dessa forma, corrobora-se para um sentimento de falta de sentido ou para uma sensação de vazio, no qual “o existente com perturbação mental experimenta frequentemente um impasse em relação a projetos e a modos de ser: não consegue realizá-los nem consegue abandoná-los” (TEIXEIRA, 2006, p. 407). Portanto, o ser humano tem o seu contato com as possibilidades comprometido, e submete as circunstâncias da vida, tendo a dificuldade de modificá-las. Nesse processo, o homem utiliza de mecanismos repetitivos que o deixam nessa posição alienada e fechada em si mesmo, impactando na maneira em que ele percebe a si, e aos outros (TENÓRIO, 2003).

Um exemplo dessas constatações está em uma vivência de perda. Freitas (2018) considera o luto como um fenômeno de profundo sofrimento psíquico, e o enlutado, além de perder um ente querido, distancia-se também de suas possibilidades próprias em seu existir. Dessa maneira, o *Dasein* em sua dor, pode experimentar um esvaziamento de sentido da sua existência. Apresentando uma constatação semelhante, Michel e Freitas (2019) afirmam:

Com a morte, o mundo outrora partilhado se modifica e se esvai, momento em que também desaparece um modo singular e habitual de ser do enlutado e próprio à relação perdida. Portanto, não é apenas o outro que se perde, mas também um pouco de si e de um mundo, daquilo que se é na relação vivida com quem se perdeu. (MICHEL E FREITAS, 2019, P. 3)

Após esse estudo teórico, necessário ao desenvolvimento das análises propostas, buscará agora compreender o adoecimento existencial apoiado na história da personagem de um seriado de *streaming*, para a elucidação dos construtos teóricos, bem como para o desvelar do *Dasein* como ser-no-mundo na relação com sua finitude.

4 O LUTO DE WANDA MAXIMOFF

Com o intuito de agregar ao desenvolvimento teórico construído até aqui, elegeu-se a história de uma personagem fictícia no seriado *WandaVision*, da *Marvel Studios*, para buscar compreender de forma expositiva, os modos adoecidos do ser. A série criada por Jac Schaeffer, e dirigida por Matt Shakman, é composta por 9 episódios, e foi lançada em março de 2021 na plataforma de *streaming* “Disney+”. Elizabeth Olsen, é a atriz que dá vida a essa personagem, originada nas histórias de quadrinhos da *Marvel Comics*.

Wanda Maximoff, é uma jovem adulta de 28 anos, nascida em Sokovia, país fictício localizado na Europa. Até os 10 anos de idade, morava com seus pais e seu irmão gêmeo na capital de Sokovia, em uma época que parecia presenciar uma crise política, com movimentos de atentados e bombardeios na cidade. O pai e a mãe de *Wanda* tinham um cuidado e uma atenção para que esse cenário não prejudicasse o bem estar dos filhos, proporcionando um ambiente acolhedor dentro de casa.

Um dos principais hábitos e rituais presentes na família, era o de assistir programas e seriados de TV, e essa era a atividade que *Wanda* mais gostava de fazer. Era um momento que a garota olhava para as histórias dos seriados, retratados muitas vezes em um tom cômico, sobre o dia a dia dos personagens no trabalho, em casa e sobre suas relações afetivas e conjugais. Eram os chamados sitcoms², e a pequena criança se deliciava assistindo as cenas e se imagina tendo uma vida parecida. Em um dia em que a família estava assistindo um desses programas, houve um bombardeio decorrente das manifestações políticas, que atingiu o prédio onde estavam, ocasionando a morte dos pais. Felizmente, *Wanda* e seu irmão conseguiram sair vivos.

Após essa tragédia, os irmãos foram acolhidos em um orfanato da cidade e cresceram com o objetivo de vingar a morte dos pais e acabar com as guerras que se instauraram na cidade. Os dois irmãos se uniram a uma organização contra a guerra,

² Sitcom é um “estilo de comédias produzidas em série para a televisão e que apresentam cenas da vida cotidiana” (SITCOM, 2022)

que fazia experimentos com alguns indivíduos para aprimorar as habilidades humanas, e foi nesse momento em que *Wanda* adquiriu poderes como telecinese, hipnose e projeção de energia, a partir de um material extremamente poderoso, chamado Joia da Mente. Nesse período, a jovem ainda tinha o hábito de assistir seriados pois era o momento em que descansava da intensa realidade que vivenciava.

Entretanto, alguns meses depois, seu irmão foi assassinado em guerra, deixando *Wanda* em extrema angústia, solidão e vivenciando a perda do último familiar que estava vivo. Ribeiro et al (2022) afirma que o luto diz de uma experiência existencial, sobretudo uma vivência natural e própria do ser. Entretanto, Azevedo e Pereira (2013) postulam que essa experiência promove questionamentos para aquela pessoa que ficou, e que vivencia seu sofrimento. E em um processo de luto, com o desaparecimento daquele que foi perdido, a dor e a finitude surgem de forma tácita. Esses questionamentos “revelam o que sentem e deixam de sentir com o não-mais-estar-presente do ente querido. A perda de sentido de estar com os outros esvazia o peito e a alma, restando apenas o lamento e a saudade”. (p. 66)

Wanda descreveu essa vivência de perda como sendo “uma onda passando por mim sem parar, ela me derruba e quando eu tento me levantar, ela passa por mim de novo.” (WANDAVISION, 2021). É visto em Michel e Freitas (2018), a semelhança desse discurso de *Wanda*, com a compreensão de luto. Para os autores, a vivência do luto, não sendo organizada de forma contínua ou com tempo pré-determinado, é constituída a partir de “ondas”, que mostram que a dificuldade e a dor da perda geralmente é vivida em constante fluidez, surgindo de tempos em tempos.

Após a morte do irmão, a jovem então foi acolhida em um grupo de humanos aprimorados³, e lá conheceu aquele que seria seu parceiro amoroso, Visão. Desde o princípio, eles tiveram uma conexão e curiosidade um pelo outro, e nesse momento de luto, *Wanda* compartilhava seus sentimentos com ele, que tinha uma postura compreensiva e acolhedora para com a jovem. Como um recurso terapêutico, ela ainda assistia seus programas favoritos de TV, e falava de sua história com Visão. Foi a partir desses momentos, que *Wanda* e Visão desenvolveram um apreço um pelo outro, e iniciaram um relacionamento amoroso.

³ A iniciativa Vingadores é o nome dado ao grupo dos super-heróis mais poderosos do planeta Terra. O grupo foi criado com o objetivo de proteção e linha de defesa do planeta contra as ameaças catastróficas. (DISNEY, 2022)

Entretanto, em uma das missões do grupo Os Vingadores, *Wanda* precisou encarar mais um processo difícil, ocasionando também na morte de Visão. A jovem até aquele momento já havia presenciado diversas perdas de entes importantes de sua vida, sem necessariamente ter elaborado sobre seu luto. Entendendo o processo de luto como uma experiência não linear, sem tempo determinado, Lopes e Menezes (2013) enfatizam que a particularidade desse processo apoia-se em dois fatores importantes: o primeiro diz respeito à intensidade da relação em que se tinha com o ente falecido, pois quanto maior a relação afetiva, maior a dificuldade em se desconectar com a presença daquele que se foi. O segundo relaciona-se à maneira em que o ser humano vivencia suas dimensões existenciais.

Vimos que a morte faz parte das diversas dimensões existenciais do *Dasein*, e ele é convocado a assumir essa possibilidade em vida, entretanto a cotidianidade possui uma forte influência sobre essa apropriação. Lopes e Menezes (2013) discorrem a esse respeito, afirmando que na presença cotidiana, a possibilidade e a certeza da morte é algo velado e rejeitado pelo *Dasein* e a angústia presente nessa relação mostra-se a partir do temor e da ameaça do fim da vida. Essa cotidianidade diz respeito ao entorno do homem, no qual ele usa desse contexto para se misturar no meio de outras pessoas, repetir padrões e comportamentos, e não se responsabilizando pela sua própria vida. Ele age de maneira impessoal, e isso é o que Heidegger (2014) denominou de inautenticidade do existir, na qual ele é tomado por ocupações e preocupações que o distanciam de si mesmo, e de suas dimensões existenciais.

Esse entendimento aplica-se na vivência do ser-para-morte, pois o *Dasein* tem a possibilidade de olhar para sua própria morte de forma autêntica, ou inautêntica. Para Ribeiro et al (2022, p. 3312), no modo autêntico, o *Dasein* atenta-se para a morte como possibilidade própria, e “o antecipar permite a presença compreender que o poder-ser, no qual o que está em jogo é o seu próprio ser, só pode ser assumido por ela mesma”. Complementando esse discurso, os autores ainda dizem que antecipar a morte é sempre realizar possibilidades, mas que podem desencadear em medo e fuga.

Semanas depois da morte de Visão, ainda imersa em sua dor, *Wanda* descobre um envelope deixado por Visão, e nele continha um presente: a escritura de uma

propriedade no qual eles construiriam para morar juntos. Certo dia, a jovem decide visitar a cidade de Westview, onde a propriedade estava localizada, e ao reconhecer a impossibilidade de concretização desse projeto, *Wanda* é tomada por uma extrema angústia. A partir de seu corpo, ela reagiu a esse sentimento: lágrimas saem de seus olhos, um grito alto sai de sua boca e surge dela uma imensa rajada de energia, que se espalhou por todo o espaço, criando uma espécie de cúpula sobre aquela cidade, e dando àquele espaço, uma outra configuração. como mostra a figura 1.

Sem que *Wanda* percebesse em um primeiro momento, a cidade pacata de Westview havia se transformado em um grande cenário do subúrbio americano, muito semelhante aos ambientes retratados nos programas de TV que a jovem sempre assistiu. A casa que seria do casal fora construída, e com seu poder, *Wanda* também foi capaz de materializar o seu parceiro amoroso Visão, como uma cópia do seu verdadeiro parceiro, para que pudessem viver juntos aquela vida ilusória. As habilidades telecinéticas e telepáticas da jovem se mostraram tão fortes, que a jovem também teve a capacidade de controlar a mente e a história de todos os moradores da cidade, tornando-os personagens de uma história dirigida por ela.

Figura 1: *WandaVision*. Wanda no momento em que cria a nova realidade.



Fonte: *WANDA VISION*, 2021

Buscando compreender a história de vida da personagem retratada na série em um viés fenomenológico-existencial, é importante destacar, que nesse momento, mesmo que de forma fictícia, *Wanda*, como *Dasein*, relacionou-se com o seu mundo por meio do seu corpo. Oliveira (2012) enfatiza que esse corpo entra em movimento

e faz com que o *Dasein* estabeleça contato com o mundo, ao mesmo tempo que se constitui como ser-no-mundo, tendo a capacidade de construir um campo de movimento e de percepção pela delimitação do espaço e do tempo que o orientam.

Wanda então foi capaz de manter esse novo espaço ao seu controle e manipulação mental. Ela fazia o que tinha vontade e aproveitava da vida que foi impossibilitada de ser vivida. A personagem foi tomada pela cotidianidade de um típico casal dos anos 60: enquanto Visão saía de casa para trabalhar, *Wanda* preocupava-se com os cuidados da casa e com o preparo do jantar. A jovem interagiu com suas vizinhas, compartilhando sobre relações conjugais e participava de grupos femininos da cidade, de caráter beneficente. Vivia uma vida tranquila, com poucos conflitos e aproveitando ao máximo o tempo com Visão, que nessa realidade, era seu marido.

Forghieri (1996) afirma que o homem em algumas situações, se vê impossibilitado de compreender e atribuir significado diante de vivências que trazem à tona uma série de fatores angustiantes e contrariantes da sua própria vida. E quando não há um envolvimento com isso, as potencialidades e possibilidades do existir podem ser impactadas. Observa-se em algumas pessoas, o surgimento de diversas estratégias para evitar ou controlar a angústia e o sofrimento inerentes à existência, evidenciados em discursos como “querer ter o controle de tudo”, “planejar para evitar sofrimentos futuros”. Nesse sentido, começamos a fazer um paralelo dessa questão com as vivências de *Wanda* apresentadas no seriado.

Foi visto no último capítulo que o homem está em constante invenção e produção para se manter equilibrado em suas “ocupações da vida”. A partir desse ponto de vista, Azevedo e Pereira (2013) postulam que o *Dasein* elabora projetos, tenta se reconhecer em sua finitude e em seu ser-para-a-morte enquanto a sua morte não chega, entretanto tem a dificuldade em acolher o inevitável da vida. *Wanda*, entretanto, a partir do momento em que criou esse mundo, excluiu qualquer oportunidade de entrar em contato com sua possibilidade mais própria. Há uma ideia comum e social em negar e fugir da morte própria e dos outros, levando-a para um outro plano distante. Dessa maneira, contribui-se para uma falsa sensação de imortalidade, o que pode prejudicar na elaboração psicológica e/ou em um rito de passagem que poderia ajudar aquele que sofre a perda de algo ou alguém (LOPES E MENEZES, 2013).

É visto algumas dimensões existenciais que foram se revelando de uma maneira particular na vida de *Wanda*. Há o abandono do convívio social e o isolamento nessa nova realidade, criando um novo espaço e contando uma nova história para si mesma. A noção de espacialidade presente nas vivências de *Wanda* a partir daquele momento, constitui-se naquele único local que ela tinha o controle, incluindo o espaço físico e as pessoas que compunham aquela história. Ela eliminou qualquer possibilidade de relacionar-se com sua vida construída até aquele momento, bem como com os colegas ainda presentes em sua vida. Nessa perspectiva, a historicidade do *Dasein* é comprometida em uma experiência psicopatológica: para Evangelista (2017), o passado pode surgir em uma configuração restrita ou até mesmo desaparecer; o futuro apresentar-se em uma determinação e certeza de sofrimento ou destruição; e o presente em uma dificuldade em localizar-se e situar-se nas vivências.

Mesmo sendo uma vida que parecia esbarrar na perfeição, percebeu-se na personagem uma certa confusão diante do que estava vivendo. Desde o primeiro episódio, *Wanda* mostra-se um pouco confusa com a série de fatos que foram acontecendo entre os personagens daquela história, parecendo esquecer informações importantes sobre sua própria história de vida e sobre seu relacionamento com Visão. Uma das personagens que participaram daquela história, pergunta à jovem sobre como ela e Visão se conheceram, quanto tempo estavam casados, e ela sente-se paralisada, não conseguindo resgatar nenhuma informação sobre si e sobre sua relação amorosa.

Diante dessas constatações, questiona-se de que maneira essa tentativa em lidar com suas perdas, era de fato uma maneira saudável em que *Wanda* reconhecia-se a si mesma em suas dificuldades e potencialidades para enfrentar o seu sofrimento. O ser humano tem um movimento de distanciamento e alienação com suas vivências de angústia e contrariedade, e, dependendo da intensidade e da frequência desse movimento, essas situações inelutáveis causadoras de angústia, podem se acumular sem o ser humano conseguir compreendê-las e dar sentido a elas. A contrariedade e a insatisfação consigo mesmo e com o mundo tornam-se mais presentes, e o seu modo de ser passa ser restrito e empobrecido: o campo de suas experiências é reduzido, e a atualização de potencialidades acontece em um nível menor. Esse pode ser o fator fundante para um adoecimento existencial (FORGHIERI, 1996).

Na perspectiva da *dasein* analítica, Evangelista (2017) salienta que o saudável ou patológico é percebido em contextos compartilhados, sem buscar e compreender comportamentos e vivências que seriam psicopatológicas. O adoecimento então acontece quando o doente se isola do mundo compartilhado e conseqüentemente sua possibilidade de coexistir também é dificultada. *Wanda* até o momento já havia entendido que aquele mundo não era real, mas ainda não era o suficiente para ela abandonar aquela história. Mesmo evitando a possibilidade de decidir sobre sua vida de forma autêntica, era percebida a liberdade de *Wanda* envolvida nesse processo. Feijoo (2011) afirma que o ser humano tem a escolha de ignorar ou aceitar uma situação, e isso só acontece a partir da liberdade do *Dasein* para decidir. Acrescentando a esse conceito, Fernandes (2006) considera que dizer não à nossa liberdade e se prender em seu próprio mundo não deixa de ser uma possibilidade, entretanto isso acontece exatamente porque a liberdade existe. Estamos ligados a ela e “podemos escolher não ser nós mesmos, ser, antes, o avesso de nossa própria essência” (p. 221)

Dessa maneira, o *Dasein* pode assumir duas possibilidades que envolvem o seu adoecimento. Para Costa e Forteski (2013), existe o cenário no qual o *Dasein* se permite vivenciar as suas angústias, como também existe o retorno à cotidianidade e tranquilidade daquilo que já é conhecido. *Wanda* se firma nesse segundo contexto, prendendo-se à impessoalidade daquela realidade, e continua a viver sua ilusão. Havia um apego naquele mundo, que já estava determinado por ela mesma, e Pessoa (2018) considera que:

Esse apego consiste na recusa da transcendência existencial de nossa vida, ele persiste no desvio da possibilidade de vir a ser o que se é a partir da descoberta e apropriação de si mesmo. Esse apego ao que é seguro e já realizado, objetivo e certo, é o que causa a miséria existencial, a esclerose da vida humana. (PESSOA, 2018, P. 48)

Ampliando essa discussão, Ribeiro et al (2022), enfatizam que estaremos a todo momento sujeitos a qualquer mudança inesperada que possa modificar nossa vida, sentimentos, e perspectiva existencial, e quando isso advém, algumas pessoas tentam acreditar que nada aconteceu, resistindo a essa angústia, criando e mantendo uma fantasia sobre a realidade. É visto que *Wanda* tem essa postura, e em alguns momentos ela começava a questionar-se o que era real e o que não passava de uma ilusão. Entretanto, a reação mais presente era a de fingir e acreditar naquela realidade,

reconhecendo que ela dependia daquele mundo para encontrar felicidade e satisfação. No segundo episódio, *Wanda* fala para Visão: “esse é o nosso lar agora, e quero que a gente se encaixe”.

Percebe-se que ela escapava do que a existência dela se mostrava como o verdadeiro real: seu processo latente de luto e sua dificuldade em aceitar todas as perdas que presenciou. Para Evangelista (2017), existir é estar diante de possibilidades que fogem à nossa capacidade de controlá-las e que revelam o desconhecido e o não esperado. Em uma experiência adoecida, lidar com esse desconhecido pode trazer uma sensação de ameaça, destruição, e o *Dasein* se vê necessitado a preservar-se contra isso. Contudo, é um movimento de tentar defender-se de si mesmo, pois o que está em jogo é nossa condição humana de estar “lançado em possibilidades que não foram colocadas a partir de si mesmo.” (p. 184). *Wanda* tinha a postura de controlar tudo o que acontecia e isso era verbalizado em diversos momentos. No episódio 4, o seguinte diálogo foi extraído para ilustrar esse fato:

Visão: Podemos ir para onde quisermos.

Wanda: Não, não podemos. Esse é o nosso lar.

Visão: Tem certeza?

Wanda: Não se preocupe querido, eu tenho tudo sob controle"

No mesmo episódio, *Wanda* e Visão participam de um show de talentos da cidade, e ironicamente apresentam uma peça de magia. Durante uma das cenas, a personagem verbaliza a seguinte frase: “em uma magia de verdade, tudo é falso.” A produção e roteiro da série corroboraram para a demonstração desse jogo realidade versus ilusão e a série foi sendo construída apoiada em recursos de metalinguagem, metáforas e ironias para retratar a vivência de *Wanda*. Sua história foi contada no decorrer dos episódios baseada na essência dos próprios seriados que assistia em sua infância: cenários semelhantes, diálogos e o jeito de se comportar refletidos aos dos personagens, bem como existindo também da série, como demonstra a figura abaixo:

Figura 2 - À esquerda, programa de TV assistido por *Wanda*. À direita, *Wanda* e Visão na realidade criada.



Fonte: *WANDA VISION*, 2021.

Wanda afastou-se de seu sofrimento, vivendo em uma imensa ilusão na qual pensava ter tudo ao seu controle. De acordo com Evangelista (2007, p. 7) o “homem é histórico no sentido de que, na sua vida, vivencia acontecimentos marcantes e determinantes de quem se é”, e a jovem contava uma história a si mesma em que se via determinada a ser feliz e realizada com as pessoas que ama ao seu lado. Entretanto, essa história foi ancorada em experiências passadas, compartilhadas entre sua família. Foi pelas imagens captadas e pela relação estabelecida com atividades prazerosas, que *Wanda* criou esse novo mundo.

Além disso, no decorrer dos acontecimentos retratados nos episódios do seriado, comerciais e propagandas de produtos de utilidade ou eletrodomésticos foram criados entre as cenas, para reforçar ainda mais a estrutura de uma programação de TV. É importante destacar a riqueza desses conteúdos, pois de forma implícita, era retratada a experiência adoecida de *Wanda*. No episódio 4, é apresentado um comercial sobre sabonete e sais de banho utilizando da seguinte chamada: “Fuja para um mundo todo seu, onde seus problemas desaparecem. Sais de banho de luxo: Quando você quer fugir, mas não quer sair do lugar”. Já no episódio 7, em um comercial sobre antidepressivos:

“Sente-se deprimida, como se o mundo não ligasse pra você? Você só quer ser deixada em paz? Pergunte ao seu médico sobre Nexus. Um antidepressivo que funciona ancorando você de volta à sua realidade. Ou à realidade que escolher. Efeitos colaterais incluem sentir seus sentimentos, confrontar a verdade, vislumbrar o destino e possivelmente, mais depressão. Só tome Nexus caso seu médico libere você para seguir com sua vida. Nexus, porque o mundo não gira em torno de você. Ou será que gira?” (*WANDA VISION*, 2021)

Nessa realidade criada, *Wanda* também materializa sua gravidez com Visão, como uma maneira de fortalecer ainda mais essa ilusão. Após poucos dias da “descoberta” da gravidez, o que a série decidiu explicitar do quão ilógico eram algumas situações que aconteciam ali, a jovem deu à luz a gêmeos, *Billy e Tommy*. Uma nova estrutura familiar foi iniciada a partir desse momento, tendo *Wanda* e Visão, inexperientes no papel de pai e mãe, cuidando dos filhos recém nascidos. A série apresenta também esse reflexo de um tempo e espaço distorcido quando mostra que os filhos em poucos dias crescem e tornam-se crianças de 10 anos. Os pais, e principalmente *Wanda*, consegue ser bem sucedida no papel de mãe, e passa aos filhos alguns valores e ensinamentos sobre a vida em sociedade e sobre a família criada por eles.

É nesse contato com seus filhos, que percebe-se os primeiros momentos que a personagem começa a entrar verdadeiramente em contato com seus sentimentos e vivências passadas. No episódio 5, resgatou-se dois diálogos de *Wanda* com os filhos, que demonstram essa aproximação com sua condição existencial. Em um momento em que mãe e filho conversam sobre a relação familiar entre eles, ela diz:

Wanda: Vocês dois podem brigar por brinquedos, mas ele sempre será seu irmão. E ele sempre será o seu. Porque família é para sempre.

Billy: Você tem um irmão, mãe?

Wanda: Eu tenho, mas ele está longe daqui. E isso me deixa triste às vezes.

Nesse mesmo episódio, *Billy e Tommy* presenciam algo curioso que reflete também a dor de sua mãe: o cachorro de estimação da família, sofre um acidente e é envenenado por uma substância que ingeriu, ocasionando em sua morte. *Wanda* se vê na situação de dar suporte para ajudar os filhos a elaborarem o processo de perda. É visto mais uma vez um momento que *Wanda* verbaliza sobre suas próprias vivências, de forma reflexiva:

Wanda: A necessidade de fugir desse sentimento é poderosa, eu sei.

Tommy: Você conserta qualquer coisa mamãe. Conserta morte.

Wanda: Não podemos reverter a morte. Não importa o quanto isso nos deixa tristes. Algumas coisas são para sempre.

O início do estabelecimento de uma nova relação consigo mesma e com os outros, acontece à medida que *Wanda* foi dialogando com seu sofrimento a partir do

momento em que era convocada pelos outros ao seu redor. Nessa perspectiva, Ribeiro et al (2022) salienta que é pela angústia que volta-se para o nada, fato que revela também o caráter de vida, em um mundo onde é possível compartilhar modos de ser e existir. Os autores ainda revelam que “este ser se faz ser com os outros, e estes outros são depositados intrinsecamente em nossas condições ontológicas, que refletem-se no ôntico humano.” (p. 37546).

No episódio 6, *Wanda* reflete sobre o dia em que visitou a propriedade onde seria sua casa e de Visão, e expõe: "eu não sei como eu fiz isso. Eu só lembro de me sentir completamente sozinha, vazia, era só um vazio infinito". Brito (2021) discorre que o sentimento de solidão faz parte da configuração do sofrimento, e está relacionado com o “dolorido vazio” ou a dor de estar distante de um outro existente, que pode ser concreto ou simbólico. Foi observado em seu relato, que uma parte de *Wanda* havia se perdido junto com a morte de seus entes, como se uma parte dela também tivesse morrido. Fernandes (2006, p. 222) evidencia a relação entre a morte dos outros e a nossa própria, ao afirmar que, “é justamente quando eu vivo e morro a minha morte, que estou vivendo e morrendo a morte de todos”. A partir desse ponto de vista, Pisetta (2020) postula que:

Morrer designa ontologicamente, morrer para a impessoalidade e nascer para o poder-ser, para seu ser como liberdade. A possibilidade, assim pensada, não permite nenhum prévio asseguramento. Por isso a sensação de suspensão, de abandono, de vazio. Dessa forma a presença se projeta primariamente para a “negatividade” de seu ser, ou seja, para seu poder-ser ou seu modo de ser livre. (PISETTA, 2020, P. 163)

Wanda nesse momento flutua entre o modo autêntico e inautêntico do ser, mas dessa vez com uma consciência diferente sobre suas escolhas e decisões. No episódio 7, a série cria um setting terapêutico, e retrata a jovem na sala de sua casa, sentada em uma poltrona, conversando com a câmera e refletindo sobre suas posturas até ali. “Todos nós já passamos por isso, né? Deixamos nosso medo e raiva dominarem, intencionalmente expandindo as fronteiras de um mundo falso que criamos” (*WANDAVISION*, 2021). Essa foi uma das frases que *Wanda* verbalizou, logo em seguida também dizendo: “Eu não entendo o que está acontecendo. Deve ser porque é segunda feira. Não é mesmo?”. A personagem de alguma maneira tenta justificar os seus atos mergulhando na ideia impessoal de que todas as pessoas também possuem esse tipo de sofrimento. Contudo, ela apresenta uma nova postura, mostrando que não tem o controle de tudo e relatando aos seus filhos: “Eu sou sua

mãe. E por isso, contam comigo para ter todas as respostas, certo? Mas eu não tenho nenhuma resposta. E estou começando a acreditar que nada faz sentido. Vocês podem tirar suas conclusões, mas é como eu estou me sentindo.” (WANDA VISION, 2021). A série demonstra o conteúdo desses discursos ao exibir objetos e mobília da casa de *Wanda* sendo modificados em outros, de formas, texturas e cores diferentes das que ela criou, fazendo que ela, com seu poder de manipulação, transformasse os objetos novamente às suas formas originais.

A cada momento que *Wanda* refletia e elaborava sobre suas dores e dificuldades, aquela realidade parecia perder sua potência. No nono, e último episódio da série é retratado o enfraquecimento do controle mental dos residentes de Westview, deixando de ser aprisionados pelos poderes da jovem. A peça teatral dirigida por *Wanda* era interrompida por lapsos de memória dos moradores, em discursos como: “Eu tenho uma filha, talvez ela possa ser amiga dos seus filhos, se você gostar desse tipo de enredo de história. Se puder deixá-la sair do quarto. Se puder abraçá-la, por favor”. Outros residentes da cidade, quando a encontravam, expressavam as seguintes falas:

Herb: Eu não reconheço meu rosto no espelho, ou minha voz quando eu falo. Tentava resistir a você, mas agora eu nem lembro mais o motivo. Você lembra?

Beverly: Meu marido está em uma viagem de trabalho. Por favor, diga a ele que eu o amo, e peça-o para nunca mais voltar para Westview.

Norm: Quando você nos deixa dormir, temos os seus pesadelos.

Dottie: Sentimos sua dor.

Mrs. Hart: Seu luto está nos envenenando.

Norm: Por favor, deixe-nos ir. (WANDA VISION, 2021)

Foram a partir desses diálogos que *Wanda* conscientizou ainda mais sobre o impacto que aquela realidade, baseada na fuga de sua dor, tinha sobre aquelas pessoas que eram reais e tiveram suas vidas tomadas pelo seu controle. Entender a dor daquelas pessoas, e a sua responsabilidade diante daquilo, permitiu um encontro mais verdadeiro com a sua própria dor. Em consonância com essa questão, Ribeiro et al (2022) asseveram que a angústia e o sofrimento presentes na existência, revelam a dificuldade de se escapar da finitude, e o *Dasein* “passa a viver pelo menos neste momento com reflexões de sua atualidade, atualidade firmada pelo entendimento de

seu existir, de cuidado (*sorge*) como ocupação substitutiva no qual o impediu de ser seu ser.” (p .37551)

O reconhecimento desse último fato, com as reflexões elaboradas com a presença de seus filhos, foram a peça chave para que *Wanda* decidisse por vez encerrar aquela vida “(in)finita”. Ela destrói o campo de energia que aprisionava a cidade de Westview; encerra a manipulação mental das pessoas, permitindo que elas pudessem ir embora. Precisou também abrir mão de seus próprios filhos, nascidos naquela realidade, pois a partir do momento em que aquela história foi se quebrando, os filhos também deixaram de existir. Por fim, era hora de dizer adeus à Visão, seu esposo. Segundos antes dele também desaparecer, *Wanda* revelou: “Você, Visão, é a parte da joia da alma que vive em mim. Você é um corpo de fios, sangue e ossos que eu criei. Você é minha tristeza e minha esperança, mas, principalmente, você é meu amor.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode depreender da exposição teórica elucidada até aqui, compreendeu-se como o *Dasein* relaciona-se com o mundo, com os outros, e consigo mesmo. É pela sua indeterminação, finitude e liberdade que ele se constrói, e percebemos como as dimensões existenciais que atravessam os modos de ser podem contribuir para o surgimento de deleitos e sofrimentos na existência. A saúde e o adoecimento são processos presentes ao longo da vida, e fazem parte desse constante projetar.

Foi possível, a partir dessa pesquisa, constatar que o adoecimento existencial é algo que pode atingir a qualquer um de nós. Wanda Maximoff é um exemplo, mesmo que fictício, de que dores, lutos e angústias são inerentes à vida humana, e que eles são cruciais para o nosso desenvolvimento. Sim, lidar com a tarefa de estar diante da nossa própria morte, da finalização de nossa vida; vida essa que se localiza em nossos relacionamentos, projetos e em nós mesmos, é algo desconfortante. Tentamos, de diversas maneiras, ignorar essa fatualidade, mas percebo que na intenção de se proteger, essa fuga promove ainda mais sofrimento e angústia. É como querer mudar a cor do céu, ou a textura de uma pedra.

O adoecimento acontece então quando recusamos viver a nossa própria vida, quando decidimos não olhar para aquilo que ao mesmo tempo nos constitui, nos impossibilita de ser o que somos. A experiência adoecida provoca nossa existência como um todo, promovendo um turbilhão de sentimentos e questionamentos. Mas que precisam ser escutados, acolhidos, e principalmente vivenciados. A exigência por uma vida perfeita, ou infinita nos mostra a impessoalidade e a inautenticidade que nos habita diante daquilo que é possível a todo instante. Existe a possibilidade de criar universos e realidades paralelas; de imaginarmos um mundo infinito de oportunidades, desejos e relações; de ser aquilo que não somos e ter o que não temos. Contudo, percebemos o risco envolvido nesse processo e cabe nos questionar o que realmente precisa ser assumido em vida.

Vivenciar a morte daqueles que amamos, coloca em primeiro plano a nossa impotência diante da imprevisibilidade da vida. Nos faz refletir sobre o sentido da vida, o que nos resta, e como viveremos dali para frente. Morremos em uma série de

acontecimentos decorrentes do desenrolar de nossa vida, mas a cada morte, percebemos outras possibilidades de ser, e existir. O que nos resta, constitui nossa maior potência em vida: a possibilidade de construir e decidir por nós mesmos. Para Ribeiro et al (2022, p. 37552), “o ser-aí passa a viver possibilidades nas quais ele não enxergara, e passa a tê-las não como solução para sua dor, não como substituição, mas como esperança de vida própria e vida de seu pedaço que lhe foi arrancado”.

Outro aspecto a ser considerado é a importância do ser-no-mundo-com-os-outros. No contato com aqueles que estão ao nosso redor, conseguimos reconhecer a nossa alteridade, o que nos constitui enquanto *Dasein*, mas principalmente nos proporciona o cuidado que podemos e devemos manter para com nossa existência. Quando nos relacionamos com o outro, nos relacionamos com nós mesmos. E existe uma potência entre o que os outros (pessoas, objetos, lugares, mundos) nos proporciona, e o que proporcionamos a eles. Essa potência auxilia a encontrarmos verdadeiramente com nosso ser-para-morte, e com a nossa responsabilidade e liberdade diante das possibilidades do existir. Wanda em sua história, teve pessoas que amava arrancadas de si, mas entendeu que foi com elas que pôde sentir, amar, alegrar-se, e consolidar-se nas possibilidades que ainda eram possíveis de serem apropriadas.

Como psicólogo e psicoterapeuta existencial, essa pesquisa contribuiu ainda mais para uma postura fenomenológica e um olhar cuidadoso para os sujeitos que carregam em si seus sofrimentos, a partir da não caracterização e determinação excessiva presentes em condutas científico-naturais. Cabe a mim não aprisionar sofrimentos e seres em caixas ou padrões pré-determinados, mas sim compreendê-los a partir de cada vivência particular. O intuito de uma psicoterapia existencial distancia-se da evitação e exterminação de sofrimentos, e dá atenção às possibilidades que podem ser construídas para lidar e vivenciar com essa existência, de maneira responsável, assertiva, mas também finita. Diante de tanta complexidade, a nossa saúde pode se fortalecer na abertura para a visceralidade da existência.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. **O ser da compreensão: Fenomenologia da situação de diagnóstico**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

AZEVEDO, Ana Karina Silva; PEREIRA, Sra Maria Aldeci. O luto na clínica psicológica: um olhar fenomenológico. **Clínica & Cultura**, v. 2, n. 2, p. 54-67, 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20180429150842id_/https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/viewFile/1546/1695> Acesso em: 10 ago. 2022.

BARBOSA, Synara Layana Rocha. **A experiência de depressão na contemporaneidade: uma compreensão fenomenológico-existencial**, 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17509>> Acesso em: 15 set. 2022.

Boss, M. (1976). Análise Existencial. Daseinsanalyse: Como a Daseinsanalyse entrou na psiquiatria. **Revista Daseinsanalyse**, 2, 5-23.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Rev. abordagem gestáltica: Estudos fenomenológicos**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, 2017.

CARDINALLI, I. Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S0103-6564201500020024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 set. 2022.

_____. **Transtorno de estresse pós-traumático: um estudo fenomenológico-existencial da violência urbana**. 145 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/15033>> Acesso em: 5 ago. 2022

CASANOVA, Marco Antonio. Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais. In: EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. A. **Psicologia fenomenológico-existencial**. Rio de Janeiro: Via Verita, v. 1, 2013.

COSTA, Maira Maria da; FORTESKI, Rosina. O constrangimento do ser e a alienação existencial como hipóteses Fenomenológico-Existenciais para o ato de suicidar-se. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 2, n. 1, p. 42-56, 2013.

DISNEY. Os Vingadores: quem são eles e quais são seus poderes. **Novidades Marvel**, 2022. Disponível em: <<https://disney.com.br/novidades/os-vingadores-quem-sao-eles-e-quais-sao-seus-poderes>. > Acesso em 21 nov. 2022.

EVANGELISTA, P. **Se Macabéa tivesse feito terapia... Considerações sobre a clínica dasensanalítica**, 2007. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho).

EVANGELISTA, P. Para uma interpretação daseinsanalítica da psicopatologia. **Associação Brasileira de Daseinsanalyse**. São Paulo, nº 17, 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 17, n. 1, p. 30-36, 2011. Disponível <<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735615006.pdf>> Acesso em: 6 set. 2022.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Tempo e temporalidade na analítica existencial de Martin Heidegger. **Revista da Abordagem Gestáltica: Estudos Fenomenológicos**. p 2013-228, 2006. Acesso em 18/08/2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735503022>> Acesso em: 5 ago. 2022.

FILHO, José Reinaldo Felipe Martins. Dasein como unidade e finitude: os existenciais do cuidado e do ser-para-morte. **Revista Inquietude**, v. 1, n. 2, p. 4-19, 2010.

FINITUDE. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/finitude/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 19, n. 1, p. 97-105, 2013.

_____. Bereavement, pathos, and clinical psychology: a phenomenological reading. **Psicologia USP**, v. 29, p. 50-57, 2018.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 97-110, abr. 1996. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 18 set. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

HEIDEGGER, M. (2006). **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco. (Originalmente publicado em 1927).

HEIDEGGER, M. BOSS, M. (ed.) **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Ed. Vozes. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco. [1987] (2009). p. 370.

LEGIÃO DOS HERÓIS. Universo Cinematográfico da Marvel, 2022. Disponível em <<https://www.legiaodosherois.com.br/t/marvel-cinema-filmes-series>>. Acesso em: Acesso em: 21 nov. 2022.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça. Significados do vivido pela pessoa idosa longeva no processo de morte/morrer e luto. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 3309-3316, 2014.

MICHEL, Luís Henrique Fuck; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A clínica do luto e seus critérios diagnósticos: possíveis contribuições de Tatossian. **Psicologia USP**, v. 30, 2019.

PESSOA, Fernando Mendes. Consideração existencial da morte: a relação entre finitude e liberdade no pensamento de Heidegger. **Revista Enunciação**, v.3, n.1, 2018. Disponível em: <<http://www.editorappgfilufrj.org/enunciacao/index.php/revista/article/view/43>> Acesso em 18 ago. 2022.

PISETTA, Écio. Sobre o temor da morte: provocações a partir de Pascal e Heidegger. **Estudos de Filosofia e Ensino**, v. 2, n. 1, p. 142-168, 2020. Disponível em <<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/estudosdefilosofiaeensino/article/view/497>> Acesso em: 8 ago. 2022.

RIBEIRO, André Victor; DE ARAÚJO, Matheus Oliveira; DA SILVA LIMA, William Gabriel. Luto: uma perspectiva fenomenológico-existencial na clínica psicológica. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 5, p. 37544-37557, 2022.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 105-113, Apr. 2014 Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S179>. Acesso em 23 ago. 2022.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F, P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. 1a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

SIMAN, Adriana; RAUCH, Carina Siemieniaco. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, v. 1, n. 2, p. 106-122, 2017.

SITCOM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sitcom/>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

TENÓRIO, Carlene Maria Dias. A psicopatologia e o diagnóstico numa abordagem fenomenológica–existencial. **Universitas Ciências da Saúde**. v. 1, n. 1 - p. 31-44, 2003. Disponível em: <<https://www.cienciasaude.uniceub.br/cienciasaude/article/view/493/315>> Acesso em: 10 set. 2022.

TEIXEIRA, José A. Carvalho. Problemas psicopatológicos contemporâneos: uma perspectiva existencial. **Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Análise Psicológica**. v. 24, nº 3, p. 405-413, 2006. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/181/pdf>> Acesso 21 set. 2022.

WANDAVISION. Direção: Matt Shakman. Produção por Chuck Hayward. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 2021. **Disney+**.